

Alba Y (set 3 1963)

AT-CASTILHO-4.1.6.  
DA 0006

GUIRAUD, Pierre - La Grammaire. Paris, Presses Universitaires de France (Collection Que sais-je ?, nº 788), 1961, 124 pp.

Pierre Guiraud, autor de diversos trabalhos de natureza lingüística (1), publica através da conhecida coleção "Que sais-je ?" êsto voluminho sôbre uma das mais antigas ciências humanas, a Gramática.

O trabalho está dividido em cinco capítulos, além da Introdução, em que se estudam o conceito de Gramática (arte de falar e escrever corretamente), Lingüística (análise sistematizada dos elementos constitutivos da língua), e a história sucinta da evolução do pensamento lingüístico desde os escolásticos até os estruturalistas. Dado tratar-se de estudo esquemático, decidiu P. Guiraud focalizar os fatos da língua do ponto de vista das

"treis grandes doctrines qui constituent les trois étapes principales de la pensée linguistique: La langue, instrument de la pensée, est un produit de la pensée. La langue, institution sociale, est un produit de l'histoire. La langue, système de signes, est le produit de sa fonction définie par sa forme" (p. 13).

No cap. I (Le sens et la forme), mostra que o discurso é em um tempo sentido e forma; estuda as formas gramaticais, dividindo-as em formas da palavra (palavras gramaticais, afixos, desinências, alterações da raiz) e forma da frase (ordem das palavras, o acento e a melodia, ligações e "sandhis", a concordância e a regência). Considera também as categorias gramaticais (os pécios gramaticais ou partes do discurso, modalidades -- número, gênero, pessoa, tempo e aspecto, modo e voz -- e relações sintáticas).

No tocante à delicada questão das categorias gramaticais, prefero o A. a noção tradicional de partes do discurso (p. 27), definidas segundo o sentido. Dado o tom divulgador dos manuais desta coleção, creio que não teria sido excessivo resenhar brevemente as discussões travadas em torno da conceituação de categorias gramaticais e de sua classificação.

Quanto ao primeiro ponto, consideram-se categorias gramaticais, num sentido estrito, as classes de palavras (nome, verbo, pronome, etc.), e, num sentido lato, as noções que se exprimem através dos morfemas (gênero, número, caso, etc.) (2). P. Guiraud acolhe ambos os sentidos, reservando ao primeiro o subtítulo de

"parties du discours" e ao segundo o de "modalités".

Quanto ao segundo aspecto da questão, ocupa-se apenas com as classes gramaticais do francês, passando em branco toda a problemática de sua classificação, levantada, por exemplo, por Viggo Brøndal; como é sabido, o conhecido mestre de Copenhague, após edificar uma teoria sobre a classificação das classes de palavras, chega a esta conclusão:

"Il n'y a pas une seule classe des mots (abstraction faite des interjections) ni un seul groupe de classes qui se retrouvent partout, comme on le supposait dans l'Antiquité, au Moyen Âge et dans la grammaire du rationalisme. Au contraire, on constate une très grande variabilité" (3).

Um ~~xxxx~~ pouco além, assevera Brøndal que essa variabilidade comporta um mínimo de duas classes correlativas e um máximo de quinze classes, segundo sua teoria. Não resta dúvida que seria interessante ver tais questões referidas em obras tão informativas como as que edita a coleção "Que sais-je?" (4).

Cerram o capítulo alguns tentames de definição de Morfologia e Sintaxe não muito claros (p. 35).

Feitas estas considerações sobre forma e sentido, o A. passa a encarar, no cap. II (Grammaire et Logique) a natureza da indissociabilidade verificada entre sentido e forma. Dividem-se a este respeito as opiniões: para uns, as categorias lógicas contam com formas gramaticais próprias para exprimi-las; para outros, não há senão relações formais entre os signos. Estes são os estruturalistas.

Examinando a primeira corrente, P. Guiraud tenta definir uma gramática na qual as formas correspondam às categorias do real (p. 38), e sejam, por assim dizer, um espelho das mesmas, amoldando-se à sua imagem e semelhança ("du point de vue de la grammaire logique le signe est porteur du sens et en dérive" - p. 58). Há que opor, não obstante, um sentido lexicológico (pleno e autêntico), representado pelas palavras nocionais, a um sentido gramatical (sublimado e relacional), representado pelas palavras não nocionais. Uma vez que estas derivem daquelas, processo a que se chama gramaticalização, conclui-se que a gramática é uma espécie de quintessência do léxico (p. 41).

Consiste a gramaticalização num evoluir de formas autônomas para a condição de instrumentos gramaticais, caracterizados essencialmente por uma dessemantização. Foi o que se deu, por exemplo

com as conjunções e preposições, oriundas de advérbios e substantivos, e com sufixos tais como -mente, -ficar, etc.

Como ficou assinalado, a gramática fundamentada na lógica vê nas categorias gramaticais (formas) o produto e o reflexo das categorias lógicas (sentido). Guiraud examina esse pressuposto, concluindo por sua arbitrariedade, pois que um substantivo não designa apenas uma essência, nem tampouco o feminino (gênero gramatical) corresponde sempre a fêmea (gênero lógico), por exemplo(5).

Excluída a exequibilidade de uma gramática fundamentada na lógica ("on constate endore une fois la fragilité de toute hypothèse qui veut voir dans la grammaire un produit et un reflet directs de la pensée" - p. 50), pois que é impossível casar a variabilidade das formas lingüísticas constatadas com a rigidez dessa mesma lógica, pensou-se naturalmente numa gramática psicológica, que justificasse aquela variabilidade pela riqueza, profundidade e diversidade do intelecto.

Alinham-se então os autores ligados a essas tendências, divididos em dois grupos: os do esplendor da gramática lógica (Ferdinand Brunot, J. Damourette e E. Pichon) e os do neo-racionalismo (M. Regula, Galichet, G. Guillaume).

No cap. III são focalizados os processos da gramática estruturalista, radicalmente contrários aos postulados da gramática logicista. De fato, para os adeptos de Saussure, a linguagem tem uma função e uma forma, estabelecendo-se entre esses dados relações de interdependência de tal sorte que um não sobreleve ao outro. Sente-se apenas que não é o sentido o determinante da forma gramatical (ponto de vista lógico), antes a forma é dada a possibilidade de, até mesmo, condicionar o sentido:

"Et n'est-il pas permis de penser que loin que la langue soit un produit de la logique, c'est notre logique qui dérive de la forme de notre langue" (6).

Esse condicionamento é exemplificado mediante a transcrição da página em que A. Martinet justifica o gênero de palavras como terra (pp. 59-61).

A língua é um sistema estruturado por formas de que cada signo deriva sua função. Esse valor funcional dos signos define a economia do sistema e desempenha um grande papel em seu funcionamento e em sua evolução (p. 69); acrescenta-se que o próprio sentido dos signos depende da estrutura do sistema ao qual pertença.

Considera, a seguir, o sentido do ângulo da langue e da

parole, para condenar os estruturalistas radicais que se recusam a ver na língua outra coisa que não um sistema de valores formais, menosprezando o sentido (p. 77). O cap. vem encerrado justamente pelos autores de gramáticas estruturais, repartidos em dois grupos: os que continuam apegados às significações, conforme a gramática tradicional (C. de Boer, G. Gougenheim e H. Frei), e os que adotam um ponto de vista puramente formal, <sup>como</sup> Knud Togeby, que ~~kkk~~ "s'abstient rigoureusement d'appuyer ces définitions sur le sens, considérant la langue comme un jeu de purs rapports formels" - p. 80. São ainda estudados R. L. Wagner e A. Martinet, mas omite-se Alarcos ~~kk~~ ~~kkkkk~~ Llorach, sobre o qual gostaria de ver tecidas algumas considerações.

Dando um balanço à contribuição dos estruturalistas, P. Guiraud acentua o exclusivismo com que essa orientação se ocupa dos sons, e o tom ~~kkkk~~ preambular de suas atividades, ainda muito baseadas em hipóteses ~~kkk~~ e muito voltadas à crítica dos adversários (p. 81).

Examina-se no cap. seguinte (Grammaire et Evolution) o ponto de vista historicista e o estruturalista respeitantes à questão da evolução lingüística. A gramática histórica explica-a através de "leis" fonéticas, morfológicas e semânticas, dotadas de mecanismos próprios e controladas, num nível subjacente, pela razão. O estruturalismo opõe, inicialmente, a língua em função à língua em evolução (sinoronia/diacronia); como a língua é um sistema coerente, qualquer alteração em um de seus componentes comunica-se prontamente aos mais, processando-se um reajuste: assim, a evolução é condicionada pela estrutura e sua função (p. 85).

Objeta P. Guiraud que, não tendo o falante consciência da estrutura do sistema (p. 87), a evolução passa a depender de outros elementos:

"Il apparaît donc que l'évolution est commandée à la fois par des causes internes, c'est-à-dire qui ont leur origine dans la langue elle-même, dans le système, dans sa structure et le jeu des oppositions qu'elle présente; et par des causes externes (extérieures au système) dont les unes sont immédiates se situant dans la parole, dans les emplois au cours desquels les

signes s'usent, s'altèrent dans leur substance phonique et se transforment dans leur substance sémantique; les autres ~~kk~~ sont des causes externes médiates ayant leur source dans la pensée utilisatrice de la langue, responsable des combinaisons qu'elle réalise dans la parole; par ailleurs, à ~~kkk~~ un second niveau des causes médiates on trouve l'histoire (sociale, politique, ethnique, etc.), d'où la pensée tire sa forme" (p. 86).

Exemplifica-se esse princípio através da análise da evolução do pronome ~~à~~ e do artigo (pp. 89-101). Para concluir o cap., P. Guiraud faz uma análise das relações entre a língua e a coletividade, mostrando os perigos e a futilidade de uma sociologia e de uma psicologia da linguagem (p. 106).

O cap. final é a consideração da gramática do ponto de vista do gramático, posto que até aqui se levou em consideração o dos lingüistas. Fala da gramática normativa que focaliza os meios de expressão não por eles mesmos, senão em função da comunidade que dela se serve e resume os critérios que conduzem a gramática à prescrição da norma: razões políticas e sociais (constatação da existência de camadas lingüísticas), a autoridade dos bons escritores, o sentido e a etimologia (que justificam ou invalidam os torneios da linguagem) e a eficácia da forma aconselhada.

Concluindo, pode-se dizer que La Grammaire de P. Guiraud é obra que prestará bom serviço a quantos se iniciam no estudo do atributo humano mais notável: a linguagem.

#### NOTAS

- (1) Para esta mesma coleção escreveu La Stylistique, La Sémantique (de que há uma tradução para o espanhol publicada pelos Breviários do Fondo de Cultura Económica, México, 1960), L'Argot, Les Locutions Françaises.
- (2) Aceitam ~~kkkkk~~ este último sentido J. Vendryes - Le Langage. Paris, Éditions A. Michel, 1950, p. 106 e J. Perrot - La Linguistique. Paris, PUF, 1957, p. 50.
- (3) Cf. Brøndal, Viggo - Les Parties du Discours. Études sur les catégories linguistiques. Trad. franc. de Pierre Naert. Copenhague, Einar Munksgaard, 1948, p. 172.
- (4) Não tendo embora resenhado as discussões em torno da classificação das categorias, o A. considera este problema ~~kk~~ à p. 48,

onde divisa na noção de partes do discurso um valor meramente pedagógico.

- (5) Todos êsses argumentos contra a gramática lógica são analisados por Eugenio Coseriu em sua excelente síntese "Logicismo e Anti-logicismo em Gramática", in Rev. Brasileira de Filologia, dezembro de 1956, vol. 2, tomo II, 223-244.
- (6) Cf. p. 52. Esta é, aliás, a pedra de toque da corrente lingüística americana dedicada a estudos das relações entre a cultura e a língua: "As publicações de Whorf têm sido de dez anos para cá tema de muitos debates., que procuram determinar até que grau as categorias de uma língua interferem na visão do universo por parte do povo que a fala". Cf. Kenneth L. Pike - "As correntes da lingüística ~~kkkkkkkk~~ norte-americana", in Rev. Bras. de Fil., nº cit., p. 213.

ATALIBA T. DE CASTILHO